

O AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

*Claudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares**

RESUMO

Esse texto apresenta uma discussão acerca do uso de ambientes virtuais de aprendizagem no contexto da educação dos surdos com vistas a compreender de que forma a leitura em suportes digitais é vivenciada pelos alunos, por meio dessa tecnologia. Para efeito desse trabalho, apresentamos três atividades realizadas com alunos surdos, no ambiente MOODLE (Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment). Os resultados indicam que as atividades desenvolvidas no laboratório de informática com o uso do ambiente virtual podem proporcionar processos significativos de aprendizagem e que as interações em língua de sinais são essenciais na forma como o aluno participa das atividades.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento Digital; Língua Brasileira de Sinais; Ambientes Virtuais de Aprendizagem; Interação.

Introdução

Muitas mudanças têm redimensionado as formas de pensar e agir na sociedade vigente, apontando caminhos para novos modos de construir significados. Como educadores, somos intencionalmente levados a buscar meios de interconexão entre as práticas

* Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

sociais e a educação. Faz-se necessário atentarmos para as potencialidades do ciberespaço como um campo legítimo de interação e aprendizagem. Nessa perspectiva, as práticas pedagógicas se ampliam, e extrapolam os limites da sala de aula, na medida em que possibilitam que professores e alunos se apropriem de diferentes tecnologias modificando, dessa forma, os modos de aprender e ensinar. O ciberespaço se apresenta, então, como um espaço de construção de significados em que não há a necessidade de compartilhamento de espaços geográficos. Nesse sentido, surge o conceito de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) como uma proposta de fazer pedagógico que se constitui a partir de uma rede de interesses e perspectivas comuns de aprendizagem. No contexto desse trabalho, evidenciamos o uso do ambiente virtual na perspectiva da educação dos surdos com um direcionamento para o uso da língua de sinais, a língua por meio da qual eles processam seu pensamento, suas ideias, e por isso constroem sentido.

Sabe-se que a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi oficializada como meio legal de comunicação e expressão em abril de 2002 (BRASIL, 2002). Como as outras línguas de sinais, a LIBRAS é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenhem funções. Elas são denominadas línguas de modalidade gestual-visual, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos. Para as comunidades surdas, a língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda (STROBEL, 2008).

Sendo o ambiente virtual uma tecnologia que possibilita o uso de diferentes semioses, e a língua de sinais uma língua em que seus principais parâmetros fonológicos são locação, movimento e configuração das mãos, esse estudo visou a utilização de vídeos como forma de propiciar a leitura e a produção de textos por alunos surdos. O MOODLE favorece que o texto seja apresentado aos alunos em LIBRAS, e que a construção de sentidos aconteça por meio de significações construídas na/pela língua.

Esse trabalho insere-se nos estudos do Grupo de Pesquisa Linguagem, Tecnologias e Educação/UESB/CNPQ e apresenta um quadro teórico-metodológico construído à luz de autores como o Quadros (2005; 2008); Quadros e Karnopp (2007); Karnopp

(2009); Karnoop e Pereira (2006); Strobel (2008); Skliar (2005); Sá (2006); Marcuschi (2001); Levy (2001). Assim, o objetivo desse texto centra-se na perspectiva de que as línguas de sinais sejam reconhecidas como línguas plenas e de direito (MAHER, 2007) no espaço do ambiente virtual de aprendizagem.

É importante salientar que o uso de ambientes virtuais de aprendizagem no meio educacional ainda é algo novo e, portanto, um processo em construção que necessita de um pensar crítico e reflexivo no uso de suas interfaces. Segundo Levy (2001), o suporte digital permite novos tipos de leitura e de escrita coletivas. Nessa prática de ler e refletir sobre a escrita/sinalização do outro para produzir o seu próprio texto é que se manifesta a construção coletiva.

A inserção de tecnologias na escola e, em especial, o computador, pode ser visualizada pelo uso que se faz da máquina, e não de suas potencialidades em si. Esse processo de inserção se estabelece pela participação efetiva e crítica de toda a comunidade escolar. O meio eletrônico nos oferece um canal que facilita nossa habilidade de comunicação por caminhos que são fundamentalmente diferentes dos encontrados em outras situações semióticas (CRYSTAL, 2002). Nesse sentido, é de relevância uma investigação acerca das propriedades linguísticas, nesse meio, em busca de uma compreensão dos modos de interação e uso da língua.

1 Ambientes virtuais como prática pedagógica

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem são plataformas educacionais que têm sido amplamente utilizados por instituições de ensino superior, em cursos de extensão, graduação e pós-graduação, tanto no que se refere à educação a distância, como também a educação presencial. No contexto desse trabalho, o MOODLE é apresentado como proposta pedagógica para o desenvolvimento de atividades no ensino fundamental, em uma classe constituída por alunos surdos.

Os ambientes virtuais de aprendizagem representam a união das tecnologias informáticas e suas aplicações com as telecomunicações e com as diversas formas de ex-

pressão e linguagem, envolvendo não só um conjunto de interface para socialização de informação e de conteúdos de ensino e aprendizagem mas, também, interfaces de interação síncrona e assíncrona. Santos e Okada (2005) conceituam os Ambientes Virtuais de Aprendizagem como “[...] um espaço fecundo de significação onde seres humanos e objetos técnicos interagem potencializando, assim, a construção de conhecimentos, logo a aprendizagem”.

Há, nessa perspectiva, uma dimensão sociocognitiva em que o propósito de aprender é significativo, favorecendo a criação de uma rede de interesses que se potencializa na e pela interação dos participantes do processo. Nesse contexto, Paiva (2006) evidencia que “[...] deixamos de ser seres humanos isolados para nos transformarmos em uma rede humana comunicante e conseguimos, através da mediação do computador, comunicar, ao mesmo tempo, com muitas pessoas, sem limitações de tempo e espaço”.

Um ambiente virtual de aprendizagem pode ser compreendido como um espaço de interação em que os participantes interagem, por meio da leitura e escrita de textos, e se comunicam em busca de significados que propiciem processos construtivos de aprendizagem. A interação pode representar um processo complexo de trocas e significações, por meio do qual o sujeito modifica-se, constituindo uma nova realidade (BEHAR et al., 2005). Os autores afirmam: “É através das interações que o sujeito desencadeia um processo interno de construção, possibilitando às pessoas compartilhar ideias e gerar novas interações” (p. 20).

A prática da leitura pode ser vivenciada pela comunidade virtual, que naquele espaço se constitui por suas interações, como uma prática constante de trocas de ideias e conceitos que surgem das leituras e escritas individuais que, ao se inter-relacionarem, potencializam-se numa rede de construção coletiva propiciada, em parte, pela interface do ambiente, e, em parte, pela própria ação do indivíduo/grupo que a utiliza e, portanto, a atualiza. Crystal (2002) evidencia o fato de que algumas atividades linguísticas tradicionais podem ser facilitadas pelo meio eletrônico, enquanto que outras não seriam possíveis. O autor ainda afirma que algumas atividades linguísticas, permitidas pelo meio eletrônico, não seriam possíveis de se desenvolverem em outro meio.

2 A prática de leitura em ambientes virtuais

O ato de ler configura-se como essencial na construção de significações tanto no campo individual como no coletivo. No contexto de ambientes virtuais, o conceito de hipertexto torna-se necessário na compreensão acerca das práticas de leitura.

O termo hipertexto foi tratado por Theodor Nelson em 1964 e foi criado para se referir a um tipo de escrita não-linear e não-sequencial que possibilita ao leitor realizar a escolha de caminhos a serem seguidos na leitura do texto (MARCUSCHI, 2001). Há a possibilidade de que o leitor construa uma forma interativa de ler, na medida em que ele próprio pode definir o caminho de sua leitura sem necessariamente ter que se prender a uma estrutura pré-fixada pelo texto. Nesse caso, o grau de interação com o texto será diretamente dependente a suas necessidades e preferências, não havendo, portanto, uma sequência a ser seguida, pois os sentidos serão construídos com base nos caminhos delimitados pelo próprio leitor.

O suporte tecnológico, ao permitir a criação de hipertextos digitais, inova com a desterritorialização, ou seja, o hipertexto é reconhecido como um texto sem fronteiras, sem limites, sem início nem fim, baseado na ligação infinita com inúmeros outros textos (LEVY, 2001).

Escutar, olhar, ler equivale finalmente a construir-se. Na abertura ao esforço de significação que vem do outro, trabalhando, esburacando, amarrando, recortando o texto, incorporando-o em nós, destruindo-o, contribuimos para erigir a paisagem de sentido que nos habita. O texto serve aqui de vetor, de suporte ou de pretexto à atualização de nosso próprio espaço mental. (p. 37)

O hipertexto caracteriza-se por seus nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais, etc.) e suas ligações entre esses nós (referências, notas, indicadores, botões que efetuam a passagem de um nó para outro) dando assim a dimensão de uma rede. A não-linearidade, a volatilidade, a fragmentariedade, a interatividade e a multisemiose são características inerentes ao hipertexto. Tais características fazem com que o hipertexto seja reconhecido como um modo de produção textual que pode se estender a vários gêneros digitais.

A linguagem virtual pode ser, então, compreendida como um veículo de comunicação que estabelece uma cultura digital por conta de práticas discursivas inerentes a este meio. A prática de leitura digital não veio para tomar o lugar dos textos impressos ou manuscritos, ao contrário, ela vem somar com a inovação de agregar várias linguagens em um mesmo suporte.

O conceito de leitura como produção de significados se estende ao hipertexto a partir de todos os seus nós (links) e das relações que conseguimos construir a partir deles na construção de nossa identidade, de nossa cultura. Os caminhos percorridos, por cada um, serão certamente diferentes, pela própria natureza que define o homem, mas, mais importante que o caminho tomado é o processo de construção que emerge das escolhas e preferências de cada leitor/autor.

3 A língua de sinais e a constituição do sujeito surdo

As línguas de sinais são consideradas pela linguística como línguas naturais ou como sistema linguístico legítimo, não se tratando, portanto, de um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Segundo Quadros e Karnopp (2007), há uma caracterização da língua de sinais como língua natural. Sobre isso as autoras afirmam:

Uma língua natural é uma realização específica da faculdade da linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários (p. 30).

Assim como as outras línguas de sinais, a LIBRAS é basicamente produzida pelas mãos, embora movimentos do corpo e da face também desempenhem funções. Nesse sentido, são denominadas línguas de modalidade gestual-visual, pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos.

[...] as línguas de sinais apresentam-se numa modalidade diferente das línguas orais; são línguas espaço-visuais, ou seja, a realização dessas línguas não é estabelecida através dos canais oral-auditivos,

mas através da visão e da utilização do espaço. As línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais, desmistificando a concepção de que essas línguas derivam de comunicação gestual espontânea dos ouvintes [...] As línguas de sinais são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicobiológica humana para a linguagem e porque surgiram da mesma forma que as línguas orais – da necessidade específica e natural dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para expressarem ideias, sentimentos e ações. As línguas de sinais são sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. (QUADROS, 2008, p.46)

Existe, hoje, uma preocupação em respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda. Nessa perspectiva, é importante “pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos, para que possamos ter condições de suportar um processo educacional mais amplo e isso precisa ser visualizado como um direito dos surdos” (SKLIAR, 2005, p. 27). Os alunos surdos não podem viver isolados porque não utilizam uma língua na modalidade oral-auditiva.

Para que o surdo possa reconhecer sua identidade surda é importante que ele estabeleça o contato com a comunidade surda, para que realize sua identificação com a cultura, os costumes, a língua e, principalmente, a diferença de sua condição. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem possibilidade de aceção e representação de si próprio e do mundo, definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais (DIZEU; CA-PORALI, 2005).

Com essa identificação sólida com a cultura surda é que os surdos construirão possibilidades comunicativas e interativas e, conseqüentemente, terão a oportunidade de integrar-se à cultura ouvinte e dela participar de forma efetiva, sem estigmas, ou seja, como parte integrante e participativa da sociedade.

É importante ressaltar que é na relação com o outro que os indivíduos se constroem e se desenvolvem como sujeitos de sua história e cultura. Sobre isso, Basso e Masutti (2009, p. 33) escrevem:

É na relação com o outro, portanto nas práticas sociais, que o ser humano se constitui e se desenvolve como sujeito, mediado pela linguagem e em função dos conteúdos da cultura. Isto significa que

o sujeito é um sujeito interativo, que se relaciona com o outro, num processo ininterrupto de mútua significação, através da linguagem.

A língua de sinais representa um papel expressivo na vida do sujeito surdo (DI-ZEU; CAPORALI 2005), interferindo na forma como ele se desenvolve e, portanto, constitui-se como sujeito de sua própria história.

4 Metodologia

Com base na abordagem qualitativa, conceituada por Bogdan e Biklen (1994, p. 11) como uma “[...] metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais,” este estudo configura-se com o objetivo de analisar como os ambientes virtuais de aprendizagem potencializam atividades pedagógicas no contexto da educação dos surdos, especialmente atividades de leitura e produção de textos em LIBRAS. Nesse sentido, o estudo foi realizado com base no desenvolvimento de atividades didáticas em uma classe do ensino fundamental, constituída por alunos surdos. A proposta de intervenção foi apresentada e aceita pela professora da turma que participou de oficinas de letramento digital com vistas à utilização do ambiente virtual em práticas educacionais. Soares (2010) nos lembra que estamos inseridos em um processo em constante construção e reconstrução. É possível, então, criarmos meios que se transformem em possibilidades.

O ambiente utilizado foi o MOODLE por se tratar de um software de distribuição livre que apresenta estrutura modular com grande quantidade de documentação, disponibilidade, facilidade de uso, estabilidade e segurança permitindo o desenvolvimento de projetos de customização que se constitui a depender do objetivo a que cada curso se propõe (SOARES; BARBOSA; SILVA, 2012). É um software de código aberto e, por isso, pode ser baixado, modificado e distribuído pelo usuário desde que se sigam os termos estabelecidos pelas licenças.

Participaram do estudo 06 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental e a professora da turma.

O ambiente foi organizado tendo como princípio o uso da LIBRAS como meio de significação e apropriação de saberes. Há uma compreensão de que a forma como o ambiente se organiza, ou seja, sua interface gráfica pode favorecer ou dificultar as interações tanto no que diz respeito às interações com as atividades propostas quanto entre os que participam do espaço (SOARES; BARBOSA; SILVA, 2010).

Nesse sentido, foi gravado e editado um vídeo com uma produção textual da professora para apresentar o projeto aos alunos. Naquele momento, havia na instituição um instrutor surdo, desenvolvendo atividades com os alunos, e ele também gravou um vídeo e falou sobre a importância do estudo da língua de sinais e da língua portuguesa como segunda língua no processo de educação do surdo. Posteriormente, os alunos foram levados ao laboratório de informática para fazerem a inscrição no MOODLE/UESB (www.moodle.uesb.br). Como há necessidade que o usuário tenha e-mail cadastrado para a efetivação da inscrição, no referido ambiente, a professora criou, juntamente com cada aluno, uma conta de e-mail individual e prosseguiu com o processo de inscrição.

5 O ambiente virtual em movimento

Apresentamos a seguir, uma discussão sobre as primeiras interações dos alunos no ambiente, uma atividade de leitura e produção de um texto e uma atividade de estudo de texto. Esclarecemos que após o período de inscrição, os alunos foram levados ao laboratório de informática para conhecerem o ambiente virtual da turma. Nesse momento, o ambiente já havia sido organizado com o texto de apresentação da professora e o texto de apresentação do monitor. A professora retomou o momento da inscrição e os direcionou ao MOODLE demonstrando o percurso (links) até chegar ao espaço virtual da turma.

5.1 As primeiras interações: construindo percursos de leitura

Ao acessarem o espaço da turma no MOODLE, a primeira imagem vista pelos alunos foi o texto (vídeo) da professora, em língua de sinais, com uma exposição sobre o uso daquele ambiente para o desenvolvimento de algumas atividades. Inicialmente, cada

aluno, utilizando um computador, leu a mensagem da professora, por meio do vídeo, com a possibilidade de escolher e seguir seu próprio ritmo de leitura e de construção dos sentidos daquele texto, ou seja, cada aluno pôde escolher seu percurso de leitura tendo como possibilidades recursos como pausar, repetir e reler o texto sem ter que depender do ritmo dos outros colegas. Essa ação dos alunos evidencia o fato de que o percurso da leitura dependeu da necessidade individual de cada leitor e da forma como ele construía o sentido do texto. A sequência foi seguida com base nos caminhos delineados pelo próprio leitor e não por determinação da professora. Durante o desenvolvimento da atividade, não houve necessidade de intervenção da professora sobre o processo de leitura dos alunos. Movimentando-se pelo espaço do laboratório, ela observava a forma como cada aluno desenvolvia a atividade.

Ao serem questionados pela professora sobre o entendimento do texto, e, conseqüentemente, do projeto, os alunos posicionaram-se de forma positiva e manifestaram o desejo de também terem suas produções naquele espaço. A leitura em língua de sinais configura-se como uma ação significativa no processo de educação dos surdos. É uma forma legítima de interação com o conteúdo e com o interlocutor da mensagem. Skliar (2005) pontua sobre a importância de se respeitar a autonomia das línguas de sinais e estruturar um plano educacional que não afete a experiência psicossocial e linguística da criança surda. O autor fala sobre a necessidade de “pôr a língua de sinais ao alcance de todos os surdos, para que possamos ter condições de suportar um processo educacional mais amplo e isso precisa ser visualizado como um direito dos surdos” (SKLIAR, 2005, p. 27). Constatamos que os alunos se mostraram bastante envolvidos na leitura do conteúdo apresentado pela professora, em um movimento de interação, também evidenciado, pelas trocas discursivas ocorridas no espaço do laboratório de informática.

5.2 Construindo seu próprio texto e o encontro com o texto do outro

A segunda atividade programada tratou do fórum intitulado ‘Quem somos’. Ao acessá-lo, os alunos se depararam com um texto produzido pelo instrutor surdo, apresentando-se no ambiente e tratando da importância da LIBRAS e da língua portuguesa como

segunda língua. A professora explicou que aquele espaço seria destinado a uma breve apresentação dos alunos. Nesse sentido, ela os convidou para produzirem seus textos, que seriam gravados em vídeos para que fossem inseridos no referido fórum.

O envolvimento na produção dos textos e, conseqüentemente, na gravação dos vídeos foi marcado pela preocupação em se expressar bem para o outro, pois sabiam que os textos seriam postados no ambiente e todos teriam acesso. Os alunos pediam para ver se estava bom e quando não gostavam de algo pediam para refazer a gravação. A professora gravou os vídeos em momentos distintos e os mesmos foram inseridos dentro do fórum. Todos se apresentaram a partir do nome, do sinal, do nome da escola e do que mais gostam de fazer.

No momento da atividade no laboratório de informática, em que eles leriam seus próprios textos e os textos construídos pelos colegas, foi interessante observar que os alunos não tiveram dificuldade em seguir o caminho (dentro da plataforma) até o ambiente virtual em que se encontravam as atividades do grupo deles, fato que pode ser explicado pela experiência visual que o surdo tem de expressão e compreensão do mundo. Em práticas com ouvintes é muito comum os usuários questionarem o caminho que deve ser seguido até encontrar o grupo de trabalho.

Nessa fase do projeto, ainda não foi possível que os alunos, eles próprios, gravassem seus textos, postassem no ambiente e fizessem comentários sobre a apresentação dos colegas. A gravação e a postagem foram realizadas pela professora, pois estes processos requerem recursos tecnológicos e habilidades que necessitam de letramentos específicos como roteirizar, gravar e editar um vídeo. Fato que impossibilitou a interação dos alunos e professora dentro do espaço do fórum, descaracterizando seu potencial de discussão. Evidenciamos que as interações entre aluno-aluno e aluno-professor aconteceram presencialmente, no momento em que eles se encontraram no laboratório de informática para acessar o fórum e ver os textos de apresentação dos colegas. Eles se movimentaram dentro do espaço físico em que se encontravam e foi possível um processo de interação, pois eles se dirigiam aos colegas para comentar seus textos, e para acompanhar a leitura dos outros colegas. Quadros (2005, p. 29) nos adverte que “as línguas se tornam opções

que são ativadas pelos falantes/sinalizantes diante das pessoas com quem falam, das funções que as línguas podem desempenhar e dos contextos em que podem estar inseridas”. Nessa perspectiva, percebemos que as apresentações propiciaram aos alunos interações com o seu próprio texto e com o texto do outro e que esse processo de ler e refletir sobre o texto do outro para produzir o seu próprio texto é que se manifesta a construção coletiva.

Havia um registro em que eles podiam acessar quantas vezes quisessem em tempos e lugares diferenciados. O ciberespaço se constitui como esse espaço virtual que surge tanto pela evolução da informática como da internet. E como uma entidade virtual é desterritorializada e capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular (LEVY, 2000).

5.3 Construindo sentidos coletivamente

No decorrer do processo também foi desenvolvida uma atividade de estudo de texto com os alunos. O estudo tratou de um texto narrativo em língua de sinais que foi inserido no ambiente. A primeira leitura foi feita de forma coletiva para que os alunos pudessem ter o primeiro acesso ao texto. Após a leitura e comentário do texto, foi solicitado que eles recontassem a história. Essa atividade foi gravada e a professora postou todos os vídeos no ambiente para que os alunos tivessem acesso à sua produção e à dos colegas.

A atividade foi realizada a partir de uma história intitulada “O Príncipe sapo” (disponível em http://www.youtube.com/watch?v=B_1sPE7EzWU) e foi apresentada aos alunos, na sala de aula convencional, por meio do projetor multimídia. A professora acessou o ambiente virtual de aprendizagem da turma e apresentou a história com o objetivo de compartilhar a leitura com os alunos e de propiciar a construção de significados a partir daquele texto. É importante evidenciar o fato de que o sentido do texto não existe a priori, mas é construído na interação sujeitos-texto. O texto passa, então, a ser o lugar de

interação de sujeitos sociais que dialogicamente nele se constituem e são constituídos (SOARES, 2011).

A atividade com o ambiente virtual possibilitou que todos os alunos recontassem a história a partir de sua significação, pudessem acessar para ler a sua própria produção e ter acesso às produções dos colegas. Essa possibilidade de acessar as produções sobre a história lida, em qualquer momento e lugar, permitiu uma ressignificação do texto tanto de forma individual como coletiva, pois no movimento de ler o texto do outro as significações se entrelaçam e se constituem pelas relações entre os leitores promovendo, assim, novos sentidos e significados. É importante lembrar que isso foi possível por meio de um movimento de interação propiciado pela língua e pelo suporte digital.

Considerações Finais

O letramento digital no contexto da surdez precisa levar em consideração o fato de que os surdos se utilizam da língua de sinais como forma primeira de interação. A subjetividade é construída no reconhecimento do mundo que é possível através da língua, ou seja, do processo de interação verbal que possibilita a construção de um sujeito histórico e cultural. É preciso, também, considerar que o significado do valor linguístico, identitário e cultural que a língua de sinais representa, para o surdo, é legítimo. Não podemos, portanto, perder de vista o fato de que a substância da língua é constituída pela interação social, ou seja, pelo conjunto de práticas enunciativas, de ações.

Salientamos a importância de se desenvolver, com o surdo, atividades em que a língua de sinais seja compreendida como uma língua de significação, ou seja, uma língua que possibilita o processamento do seu pensamento, de suas ideias, e de suas construções. Há, nessa perspectiva, um espaço para diferentes tipos de letramento necessários à educação como forma de emancipação do sujeito.

O trabalho com o ambiente virtual mostrou-se de forma produtiva no desenvolvimento de atividades didáticas com os alunos do ensino fundamental, demonstrando, dessa forma, que pode favorecer processos legítimos de ensino e aprendizagem não só na educação superior como também na educação básica.

No que diz respeito à educação dos surdos, o ambiente virtual tem o potencial de favorecer atividades tanto em língua de sinais, como foi o caso desse estudo, como também atividades em língua portuguesa, em uma perspectiva bilíngue (SOARES, 2011). Não podemos, no entanto, deixar de levar em consideração o fato de que, no desenvolvimento de atividades dessa natureza, os recursos tecnológicos são necessários e precisam estar ao alcance de todos, sobretudo no que se refere aos processos de letramento.

The virtual learning environment as a pedagogical practice in the context of deaf education

ABSTRACT:

This paper presents a discussion about the use of virtual learning environments in the context of deaf education in order to understand how the reading process in digital media is experienced by students, through this technology. For purposes of this paper, we present three activities conducted with deaf students, in the space of the MOODLE (Modular Object Oriented Dynamic Learning Environment) environment. The results indicate that the activities in the computer lab using the virtual environment can provide significant learning processes and that the interactions in sign language are essential in how the student participates in the activities.

KEYWORDS: Digital Literacy; Brazilian Sign Language; Virtual Learning Environments; Interaction.

Referências

- BASSO, I. M. S; MASUTTI, M. L. A mediação do ensino de português na aprendizagem escolar do surdo por meio do SES. In: RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. (Org.) A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue: Uma experiência de elaboração de softwares e suas implicações pedagógicas. FLORIANÓPOLIS: Editora da UFSC, 2009.
- BEHAR et al. Construção e aplicação de ECT – editor de texto coletivo. In: BARBOSA, R. M.(Org.) Ambientes Virtuais de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BRASIL. Lei 10.436 – 24 de abril 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2002.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN S. K. *Investigação Qualitativa em Educação*: uma introdução a teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora LDA, 1994.
- CRYSTAL, D. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- DIZEU, L.C.T. B. e CAPORALI, S.A. A Língua de Sinais constituindo o Surdo como Sujeito. In: Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, nº 91, 2005: 583-597.

KARNOPP, L. Língua de sinais e língua portuguesa: em busca de um diálogo. In: LODI, A.C.B., HARRISON, K.M.P., CAMPOS, S.R.L de; TESKE, O. (Orgs.) *Letramento e minorias*. Porto Alegre, Mediação, 2009.

KARNOPP, L. B.; PEREIRA, M. C. da C. Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos. In: LODI, A. C. B.; ET AL. (Org.) *Leitura e escrita no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

LÉVY, P. *O que é o virtual*. São Paulo: Ed. 34, 2001.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para Interculturalidade e o Plurilinguismo. In:

QUADROS, R. M. de. E KARNOPP, L. *Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

QUADROS, R. M. Educação de Surdos: A Aquisição da Linguagem. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. O 'BI' em bilinguismo na educação de surdos. In: FERNANDES, E. (Org.) *Surdez e bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SANTOS, E.O.; OKADA, A.L.P. *A construção de ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias plurais e gratuitas no ciberespaço*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/edmeoliveiradossantos.pdf>>. Acesso em: out. 2005.

SKLIAR, C. Os Estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C.(Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 3. Ed. Porto alegre: editora mediação, 2005.

SOARES, C. V. C. O. *Construção de sentidos em ambientes virtuais de aprendizagem: os fóruns de discussão do Curso Letras Libras – Polo Bahia*. Tese de Doutorado. Universidade federal da Bahia. 2011.

_____. *Intervenção pedagógica do professor em ambientes informatizados de aprendizagem*. Vitória da Conquista: Editora UESB, 2010.

SOARES, C. V. C. O.; BARBOSA, M. S. SILVA, Y.R.S. *Customização do ambiente moodle para o curso de extensão mídias na educação/uesb*. In: ESUD 2012 – IX Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Recife, 2012.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

Recebido em 15/08/2014.
Aprovado em 27/07/2014.